

As Mulheres Quilombolas do COSNEC (Grupo de Consciência Negra de Cel. Xavier Chaves) e seus fazeres artísticos: Ressignificação e empoderamento

The Quilombola Women of COSNEC (Group of Black Consciousness of Cel Xavier Chaves) and their artistic actions: Resignification and empowerment.

Nilza Maria Pacheco Borges¹
nilzampb@gmail.com

Resumo

Esse estudo, que se utiliza da pesquisa qualitativa e método etnográfico, tem como objetivo verificar - a partir dos fazeres musicais mostrados através do canto e da dança das mulheres do COSNEC (Grupo de Consciência Negra de Cel. Xavier Chaves em Minas Gerais) -, a transformação ocorrida em suas vidas, social e afetiva, pela divulgação da cultura de origem negra, no intuito de praticar, na atualidade, os valores de seus antepassados escravos no contexto sincrético católico e afro-descendente.

Palavras-chaves: religião - arte- gênero - resignificação - empoderamento

This study, which uses qualitative research and ethnographic method, aims to verify - from the musical performances shown through the singing and dancing of the women of COSNEC (Black Consciousness Group of Cel Xavier Chaves in Minas Gerais) The transformation that took place in their lives, social and affective, for the dissemination of the culture of black origin, in order to practice, at the present time, the values of their slave ancestors in the Catholic and Afro-descendant syncretic context.

Keywords: religion - art - gender - resignification - empowerment

¹ Mestra e doutoranda pelo PPCIR – UFJF – BOLSISTA FAPEMIG

Introdução

Segundo minhas observações, como pesquisadora, no que se refere às performances artísticas e religiosas, as integrantes do COSNEC (Grupo de Consciência Negra de Cel. Xavier Chaves) se comprometem com as apresentações mediadas pela dança e pela música em forma de cantos religiosos, que falam da vida no negro em cativo e de sua fé e devoção aos Santos católicos reverenciando principalmente Nossa Senhora do Rosário. Elas se apresentam com o vestuário da época da escravidão, com roupas de saco de estopa ou branco, tecidos de chita, acompanhadas dos adornos, turbantes e enfeites característicos dos hábitos dos negros do Brasil Colônia.

As suas apresentações são constituídas pelas danças do maculelê², bate-paus³, e danças afro-brasileiras⁴, além das performances demonstradas na “Missa Inculturada⁵”, em que fazem demonstrações teatrais traduzindo a vida do negro em cativo na luta pela liberdade. Durante as missas rotineiras, quando há apresentações do coral do Beto, a pessoa⁶ fundadora do grupo COSNEC, os cantos são católicos e acompanhados por atabaque, chocalho, pandeiro e violão.

² A dança do maculelê é realizada por bastões e grimas e a palavra maculelê possui um neologismo criado a partir de duas palavras, uma indígena (iemacu) e a outra africana (culelê). A música Flôr de Jurema, ligada às tradições dos índios brasileiros é sempre utilizada para a dança. Todas as músicas são tocadas em tempo quaternário através de atabaques e pandeiro. (Silva, 2010)

³ A dança do bate-paus, como me foi possível saber até o momento, não tem uma origem definida, mas dizem os integrantes do grupo e alguns textos que li, e que não tratam com profundidade essa questão, que também surgiu do contato dos negros com os índios, e a diferença que pude notar entre as duas modalidades, ou seja, entre a dança do maculelê e a dança do bate-paus, está relacionada ao tamanho dos bastões que são movimentados durante a performance em gestos de lutas travadas no ar. Os bastões do maculelê são maiores do que os bastões do bate-paus, mas todos são pintados com cores alegres. O movimento das duas danças é semelhante, porém diversificado em coreografias que dão liberdade para criar novos passos, mas que obedecem as expressões do negro em luta.

⁴ As danças denominadas de afros brasileiras são assim caracterizadas pelos movimentos feitos nos palcos ou nas ruas constituídos pelas expressões das lutas em outras performances renovadas. As mulheres e os homens dançam com muita ênfase em gestos que lembram os grupos tribais africanos em sua sensualidade, mais do que em sua defesa, porém agregam movimentos da capoeira e do maculelê, de acordo com o tipo de coreografia. (Ferraz, 2012).

⁵ O nascimento da missa inculturada, afro, atesta a realização concreta de uma postura da Igreja comprometida com os menos amáveis, socialmente falando. Era visível o envolvimento e o comprometimento dos afro-descendentes na caminhada evangelizadora da Igreja e na transformação da sociedade, provando que não se deixavam abater diante da situação em que viviam. Alguns bispos, vivenciando a dimensão da profecia e reconhecendo a atuação dos afro-descendentes, ousaram desenvolver um trabalho pastoral diferenciado. (Degaaxé, 2013, p. 01).

⁶ Conhecido como Beto, Roberto Carlos (que diz não ter sobrenome), nasceu e foi criado no Bairro de Fátima, foi o fundador e presidente do COSNEC por cinco anos. De 2013 a 2014 foi vice-presidente do grupo sendo reeleito novamente para presidente em 2015. Trabalha com as buscas da tradição afro-

Ana Paula, professora do maculelê e bate-paus no COSNEC, disse que iniciou o interesse pelas danças dos negros quando pesquisou sobre as suas origens, mas principalmente por ter sido envolvida com os ritmos e batuques que trazem alegria e desprendimento, assim como ouvi de todas as mulheres do grupo. Os ritmos dos instrumentos são atrativos fortes que animam e as transportam para os tempos de seus antepassados. Ana Paula também afirma ser a dança dos negros voltada para a luta e a religiosidade no sentido da adoração, muitas vezes expressados ocultamente nos grupos dos escravos que eram proibidos de manifestar sua fé em seus deuses da religião de origem africana. A história do maculelê ilustra essa realidade por ser a luta que uma tribo indígena travou contra os feitores na defesa do negro chamado Maculelê que havia se refugiado nesse grupo pedindo socorro. Ana Paula define os detalhes da dança do maculelê e bate-paus.

Ana Paula: A luta, a dança é feita com bastão que era o que eles tinham pra lutar e com facões também; só que hoje não é tido como uma luta, é como uma dança mas todo movimento que a gente faz é de uma luta; a gente representa em dança, mas ele é uma luta que uma tribo indígena traçou com os feitores.

Pesquisadora: E as outras danças, o bate-paus?

Ana Paula: O bate-paus também, é como to falando, tudo é uma dança escrava, é uma luta que hoje, nós do COSNEC apresentamos como dança, então é uma defesa que os escravos tinham em relação aos feitores. (Entrevista com Ana Paula, integrante do COSNEC, em março de 2015. Grifos em negrito meus).

Assim, o maculelê, e o bate-paus pertencem à categoria de danças afro-descendentes, mas são consideradas danças que se originaram diretamente das lutas e das defesas dos negros se mantendo fiéis às suas origens. Observei através das apresentações das integrantes, nas oficinas realizadas no Colégio Estadual na 7ª SECON⁷ (Semana da Consciência Negra) e nos ensaios realizados no Centro Afro que o grupo, atualmente, está se dedicando com mais exclusividade ao maculelê e ao bate-

descendente. A história sobre a origem da comunidade é conhecida por ele através da tradição oral de seus antepassados. É professor de capoeira, maculelê e dança do bate-paus. Participa de vários projetos sociais a favor da comunidade.

⁷ A SECON (Semana da Consciência Negra) é realizada pelo COSNEC e comemorada em todo o mês de Novembro com atividades artísticas: dança, canto, artesanato e teatro; palestras e culinárias. Conta com a participação de todas as comunidades pertencentes à cidade de Cel. Xaier Chaves e está aberta para o público em geral.

paus. A dança que eles denominam de ‘dança afro’, foi que exige maior desprendimento nos movimentos, segundo os relatos das mulheres entrevistadas que brincaram dizendo ser a dança das mais jovens, é praticada pelo grupo de meninas da Vila Fátima e de algumas moradoras do centro de cidade que passaram a fazer parte das atividades do grupo COSNEC.

A música cantada que leva o nome de Maculelê é sempre utilizada nos movimentos da dança que leva o seu nome, como também na capoeira. A letra faz um cumprimento a todos e lembra a valentia do negro Maculelê que, segundo a lenda, derrotou sozinho os inimigos.

Maculelê⁸

O boa noite pra quem é de boa noite
O bom dia pra quem é de bom dia
A bênção, meu papai a bênção
Maculelê é o rei da valentia

Para os ensaios e informações aos membros do grupo sobre as danças, bem como para o estudo histórico de suas origens, Ana Paula se encarrega de levar os conhecimentos, além de ensinar as técnicas das danças do maculele e do bate-paus e ensaiar o grupo duas vezes por semana. Os estudos mais detalhados sobre a arte que praticam são feitos pelos membros do grupo, em alguns meses do ano e são comentados nas reuniões realizadas no primeiro domingo de cada mês com o objetivo de buscarem novas práticas artísticas advindas dos antepassados. As pesquisas sobre as tradições negras como a dança, o canto, a culinária, o artesanato, são expostas na SECON, em forma de painel, nas paredes do Centro Afro para que todos os visitantes e demais participantes possam tomar conhecimento dessas práticas.

Os cantos executados durante a Missa Inculturada são constituídos de letra e melodia que falam do negro em suas lutas, em sua fé, como pude constatar nessa música muito cantada durante o ritual da Igreja na semana da consciência negra.

⁸Canto de domínio público. Muitos dos cânticos do maculelê, provém dos candomblés de caboclo, alguns das canções de escravos e outros até fazem menções à cultura indígena. Os cânticos acompanham o desenrolar da apresentação do maculelê. Cada parte da encenação do maculelê tem a sua cantiga certa que acompanha. São muitos os cânticos do maculelê e cada grupo tem os seus prediletos. <http://capoeiraexports.blogspot.com.br/2011/01/maculele-origem-e-historia.html>.

Sá Rainha⁹

Sá rainha me chamou, me chamou p'racurriá
Sá rainha me chamou, me chamou p'racurriá
Mas eu já vou Sá rainha
Caminhando devagar
Venha rainha conga, chega na janela
Venha ver marujo que já vai p'ra guerra
Oh, Santa Ná, a mamãe do rosário é Santa Ná
Beija-flor beija Santa Ná no andor

Essa próxima canção de domínio público é sempre executada no início de cada reunião do Centro Afro, nas missas rotineiras quando o Coral do Beto se apresenta e também nas Missas Inculturadas:

Oh, mamãe, abraça eu mamãe
Embala eu mamãe, tem dó de mim
Oh, mamãe, abraça eu mamãe
Embala eu mamãe tem dó de mim

Grande parte das músicas foi composta nos tempos da escravidão e falam da cultura do negro, da sua fé em Nossa Senhora em que já se observa a conversão de muitos ao catolicismo, além de destacar seu sofrimento perante sua condição escrava.

Os cantos católicos são os tradicionais cantados por todos os fiéis brancos e negros como os de louvor à Maria, os de louvor a Deus e aos Santos.

As danças e os cantares do COSNEC no espaço público favorecem as apresentações do grupo em outras cidades a convite de outros grupos e entidades que valorizam a cultura e história das etnias; o grupo participa das festas de congados, festas da Igreja católica e festas das cidades em datas cívicas sempre através da dança do maculelê, do bate-paus e das danças afro-descendentes, e são acompanhados pelos instrumentos de origem negra, como o atabaque, pandeiro e chocalho. O canto também é realizado e executado juntamente com a dança no espaço público. Alguns membros responsáveis pelos toques dos instrumentos, inclusive o Beto, cantam em forma de um coro, para que os outros elementos do grupo constituído, em sua maioria pelas mulheres, possam dançar mais a vontade. Para as despesas com transporte, alimentação e hospedagem, o grupo recebe o patrocínio da prefeitura da cidade de Cel. Xavier Chaves.

⁹ Canto de domínio público

O relato de Beth, integrante do grupo COSNEC, confirma as experiências vividas pelas mulheres em suas apresentações que lhes promovem alegria e orgulho ao mostrarem pra o público a arte afro-descendente expressadas pela dança e pelo canto. Ao se sentirem valorizadas, através desses fazeres, as mulheres afirmam sua identidade e reafirmam com o grupo os laços de compromisso com a continuidade dessas práticas.

Nilza: Viu mudança nas mulheres que dançam aqui no COSNEC?

Beth: Vi porque a gente sai pra fora e as meninas fica mais feliz, uma felicidade um com o outro. A gente dançou em São João numa, no teatro manicômio, até achei que era gente pra doido, mas é teatro, nós fomos muito bem aplaudido, **a gente dançou na rua, foi muito bom, a gente foi muito bem recebido, é o que eu falo, quem é de fora da mais valor do que quem é daqui de dentro; o pessoal lá fora ficou encantado.** Eu lembro quando a gente tava passando no carnaval e o cara que ficava pra separar as alas falou assim: o que vocês vão apresentar, mostra uma coisinha pra nós aí, e a gente mostrou o que nós ia apresentar, ele disse: que legal. Na avenida inteira a gente dançou. (Entrevista realizada com Beth, integrante do grupo COSNEC, em maio de 2015 – grifos em negrito meus).

As apresentações no espaço público em se tratando de outras cidades, obedecem aos mesmos critérios daquelas praticadas no meio religioso, ou na cidade de origem, porém a interação com o público, segundo o relato dos membros do grupo, é maior e mais espontânea. Ocorrem vários tipos de conversas com pessoas que valorizam o trabalho e querem informações sobre as atividades do COSNEC, como me confirmou Balúcia, integrante do COSNEC, e Beto, o fundador do grupo.

Nilza: Você viaja com o grupo?

Balucia: Viajo, gosto muito, a gente já foi em Diamantina, Ouro Preto e mais lugar que não tô lembrando agora.

Nilza: Por que você gosta?

Balucia: **Pra gente conhecer outras coisas lá também fora; já encontramos outros grupos de congado, danças; a gente conhece bastante gente diferente.**

Nilza: Sua vida teve mudanças depois do COSNEC, dessas participações suas?

Balucia: Teve. **Eu gosto de participar, então a gente alegre, né; o coração da gente alegre.** (Entrevista realizada com Balúcia – Maria Lúcia – integrante do grupo COSNEC, em novembro de 2014 – grifos em negrito meus).

Nilza: E vocês vão em outras cidades também?

Beto: Sim, sim, a gente ta levando todo esse conhecimento para outras cidades também, outras escolas, então assim, é muitos convites graças

a Deus que a gente ta tendo essa oportunidade de ta mostrando não só esse trabalho do COSNEC, mas o trabalho dos negros, essas coisas que os negros usavam lá atrás, essas coisas tinham que ser escondido, por exemplo, essa manifestação, essas músicas que a gente usa nos nossos rituais, são coisas que eles faziam escondido; hoje não, hoje a gente faz nas praças, nas escolas, nas Igrejas, então a gente canta em qualquer canto, então é muito satisfatório. (Entrevista realizada com Beto, fundador do grupo COSNEC, em dezembro de 2014 – grifos em negrito meus).

As performances são as mesmas apresentadas na Igreja, bem como o vestuário típico e os instrumentos, mas ocorre um tipo de comunicação com o público que favorece a divulgação das atividades e dos sentidos atribuídos às práticas do grupo.

A entrevistada, integrante do grupo COSNEC, Rosanger, me disse que se sente muito feliz ao perceber a influência que os ritmos e as danças causam na sensibilidade das pessoas. O público geralmente se aproxima delas para indagarem sobre suas heranças e aprenderem sobre seus costumes.

As integrantes do COSNEC me disseram sobre o começo das atividades junto ao grupo a convite do Beto, seu fundador. Algumas iniciaram as atividades ao verem as companheiras participando e outras foram por livre vontade; me falaram sobre as razões que favoreceram o empenho de participar e permanecer no grupo. As informações trazidas pelo fundador, Beto, sobre o passado afro-descendente, assim como sobre os direitos atuais determinados por lei ao povo negro, esses conhecimentos, juntamente com as práticas artísticas da dança e do canto, dos fazeres ligados à organização dos eventos, viagens e estudos, bem como a participação nas festas religiosas e nas demais datas cívicas e comemorativas da cidade e de outros locais em que vão a convite, todo esse conjunto de atividades contribuiu para a eliminação da vergonha e da timidez que as impediam de assumir suas origens com o orgulho e com a determinação que agora sentem. Dessa forma as mulheres do COSNEC se fortaleceram e se empoderaram de novas conquistas no que se refere à igualdade de direitos em relação aos homens que antes detinham as práticas afro-descendentes, como também no que se refere ao enfrentamento dos preconceitos de cor e sociais por serem negras, com pouca instrução e uma condição financeira desfavorável.

Verifiquei que a superação dessas mulheres, frente às condições impostas pela sociedade patriarcal, ocorreu graças às suas práticas artísticas responsáveis pela quebra das condições de inferioridade em que viviam, conforme me foi possível constatar

através de seus relatos no campo de pesquisa. Sempre viveram do trabalho em casas de famílias, cuja remuneração auxiliava nas despesas da casa, mas eram sempre inferiores aos salários dos maridos e as funções que exerciam eram sempre duplas pois além do trabalho remunerado, também eram incumbidas das responsabilidades com filhos e com o lar, compartilhando assim da visão de que as diferenças impostas pela sociedade são naturais em que o homem ocupa o lugar de superioridade e define, dessa maneira, o lugar da mulher no mundo.

Um dos maiores problemas que advêm da divisão fixa de papéis, ocorreu quando a sociedade assumiu as diferenças entre homens e mulheres como naturais e biológicas. A mulher interiorizou, a partir daí, uma imagem de inferioridade e dependência, ocupando na sociedade o lugar de submissa e menos capaz.

As mulheres do grupo COSNEC, relataram em suas entrevistas que possuíam uma imagem de si muito negativa, como se não tivessem condições de enfrentar os desafios rumo à libertação dos entraves para as conquistas de seus direitos, fato que resultou em mudanças lentas, mas que foram auxiliadas pelas suas iniciativas de praticarem as danças e os cantos, além de buscarem o conhecimento da história de seus antepassados e leis atuais que versam sobre os direitos afro-descendentes. (FERRARI 2014).

Para o educador (Freire 1992), a pessoa empoderada é aquela que realiza por si mesma as transformações que causam seu fortalecimento por onde pode avançar e se fortalecer, tomando posse de suas metas como indivíduo responsável pelas suas conquistas e pelas mudanças de atitudes através das práticas de suas novas ações que lhes proporcionam a liberdade que se conquista pelo extermínio da opressão contida. Assim também ocorreu na vida das mulheres do COSNEC a partir da coragem de expressar sua religiosidade, sua arte e a busca dos conhecimentos sobre sua história. Ao conhecer melhor sobre os fatos que oprimiram seus antepassados, puderam se libertar da vergonha de suas origens de sua cor e mostrar suas heranças com orgulho de um povo merecedor de respeito e admiração.

Conclusão

Observo que a música de origem negra, por ser uma abstração cultural como as demais, mostra uma diferenciação frente aos demais grupos, com uma forma de linguagem e de ritmos peculiares, ligados a todo conjunto de hábitos, costumes,

vivência em comunidades, que os negros apresentam em seus cantares num entendimento específico nas suas formas de expressões. A oralidade contida na transmissão do saber musical foi passada para os moradores da Vila Fátima pelos seus avôs segundo os fatos que conseguem lembrar. Os integrantes do COSNEC não souberam me dizer sobre a verdadeira origem das composições que cantam na igreja e no espaço público, o que me fez crer que essa herança foi passada de tempos em tempos, caracterizando o acervo musical de domínio público. Os autores são desconhecidos, mas as suas obras foram apropriadas pelas gerações futuras que as exibem como elementos constitutivos de uma identidade, como acontece na vida artística das mulheres do grupo, tanto no que se refere às músicas quanto às danças que executam e que estão atreladas às vivências religiosas. São elementos artísticos pelos quais as mulheres louvam e consagram a Deus pela fé.

As mulheres em suas manifestações culturais mostram um novo perfil em suas relações com o meio social e alegam que as mudanças mantiveram a autonomia e as características dos antepassados em novo contexto. Observo que a partir dessas práticas ocorreu a realização de um “universo de sentido” que segundo (Calvani 2010), está sempre em expansão sob rupturas internas, ambigüidades e auto-reformulações e cujo crescimento se dá através da polaridade entre as formas de realização dos fazeres e a relação estabelecida com a dinâmica vivida no meio social. Toda criação reflete a realidade e novas produções de sentido que podem ocorrer em dicotomias e reformulações. Assim as mulheres do COSNEC ressignificam seus valores ao tomarem consciência da importância do papel dos antepassados para a cultura do que agora buscam perpetuar em novo contexto.

As atividades artísticas e religiosas bem como a busca pelo conhecimento dos seus direitos através das reuniões e instruções recebidas pelo COSNEC, contribuíram para que houvesse a mudança da auto-imagem e um novo olhar para a realidade ao redor. Esses fatores foram responsáveis pelo o empoderamento que ocorreu no seu ser mulher e pela transformação dos conceitos que tiveram sobre si mesmas, conquistando uma auto-estima saudável através do valor, do respeito que passaram a sentir por elas mesmas e do sentimento de estarem sendo admiradas pelas suas novas ações no mundo.

Ao enfrentarem a repressão interiorizada pelo processo histórico de inferiorização, comum no mundo patriarcal, essas mulheres não mais se colocaram como servidoras do outro e buscaram em si o potencial guardado recriando dessa

maneira uma identidade nova, de direitos, de dinamismos em que a construção da auto-estima se torna essencial para a reformulação das questões de poder de dentro para fora.

Os fazeres artísticos mediados pela dança, pelo canto, pelas atividades desenvolvidas no COSNEC, fizeram com que se sentissem participantes da sociedade, conscientes de suas origens e cidadania. Portanto, os fazeres vividos na intimidade entre a arte que praticam e o sentimento de louvor a Deus, através da música e da dança alteraram as concepções sobre suas origens e sobre as buscas das raízes vividas no presente a partir da autonomia de seus fazeres culturais que lhes trouxeram reconhecimento, empoderamento e auto-estima.

Referências Bibliográficas

CALVANI, C.E. *Teologia da Arte*. São Paulo: Paulinas, 2010

CANCLINI, Nestor G. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2011.

FERRARI, Rosana. *O empoderamento da mulher*. <http://www.intercef.com.br/artigos/o-empoderamento-da-mulher.php>. Consulta em 10.10.2015.

FERRAZ, S. M. C. O Fazer Saber das Danças Afro: investigando matrizes negras em movimento. *Dissertação*. (IA/UNESP-SP), 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MACULELÊ. Disponível em <http://capoeiraexports.blogspot.com.br/2011/01/maculele-origem-e-historia.html>. Acesso: 10.10.2016.

SILVA, I. F. A Educação Física e as Danças Populares brasileiras de matriz africana e indígena: Reflexões sobre as leis 11.645 10.639. *Trabalho de Conclusão de Curso*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física. Porto Alegre, 2010.

Quilombolas Entrevistados

Ana Paula – Integrante do COSNEC

Beth – Integrante do grupo COSNEC

Balúcia – Integrante do grupo COSNEC

Beto – Integrante do grupo COSNEC